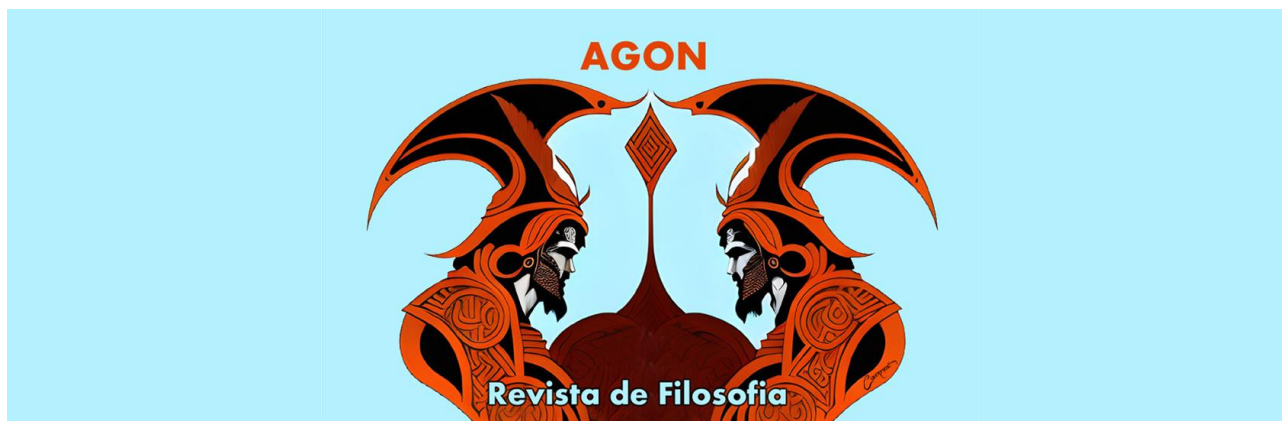




O REENCANTAMENTO DO MUNDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Eduardo Weisz¹
Wellington Lima Amorim²
Everaldo da Silva³

RESUMO: O presente artigo teve por objetivo expor duas das ontologias que fundamentam as posturas dos diversos Estados nacionais em sua relação com o resto do mundo, no contexto da pandemia causada pelo vírus Covid-19. Neste sentido, busca-se apresentar e opor estas ontologias distintas que fundamentam posturas cooperativistas e isolacionistas no cenário internacional. A primeira delas se caracteriza por uma ontologia da imanência, fundamentação de uma postura pragmática, que, decorrente do pluralismo que caracteriza a sociedade secular moderna, vê na cooperação internacional o caminho mais sensato para a superação e combate a crises sanitárias; Por sua vez, a posição isolacionista se fundamenta em uma percepção que, decorrente de um terror atávico do desconhecido, se autodefine a partir de uma tendência que busca refúgio no terreno e vínculo ontológico identitário onde as raízes do ser humano encontra à segurança imaginária patrocinada pelo mito edênico.

Palavras-chave: secularismo, modernidade, ontologia

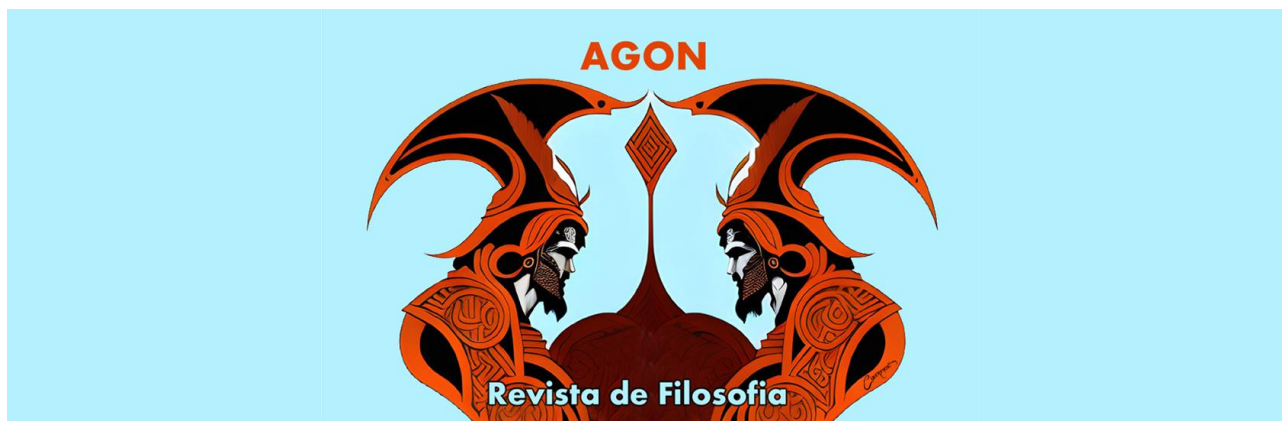
ABSTRACT: The objective of the present paper is to develop and oppose the two different ontologies that fundament, within the context of the international politics arena, the different postures adopted by countries in the context of the Coronavirus sanitary crisis all over the globe. In order to achieve this objective two different ontologies will be presented: cooperativism and isolationism. The first of them, cooperativism, can be defined as an immanence ontology that grounded in a pragmatic posture, characterizes modern secular society through the understanding that international cooperation is the most suitable way to get over and fight against covid-19 global sanitary crisis. The second one, isolationism, grounds itself in the perception that there is such a thing as a atavistic terror of the unknown that is part of human nature and works as a defense mechanism that defines a shelter seeking posture where the security of an indentitary ontologic association that links people to the imaginary security of na edenic reality that means a safe harbor in troubled seas.

Keywords: secularism, modernity, ontology

¹ Eduardo Weisz é doutorando no PPGF/UFRJ. E-mail: eduardoweisz00@gmail.com.

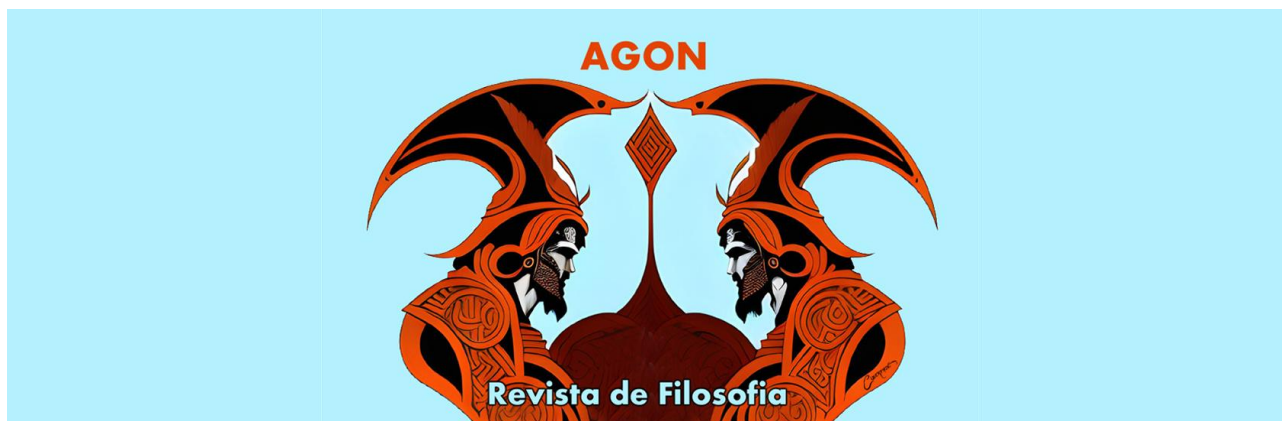
² Wellington Lima Amorim é professor Adjunto da UFRGS. E-mail: wellington.amorim@gmail.com.

³ Everaldo da Silva é doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: prof.evesilva@gmail.com



INTRODUÇÃO

Deleuze, no livro *“Spinoza e o Problema da Expressão”*, diferencia deuses transcendentos, dos quais emana toda a existência, do Deus imanente, que produz ou gera tudo o que existe continuamente por necessidade de sua natureza (Deleuze, 2017). Neste sentido, um Deus transcendente ou emanativo implica na percepção de que cada coisa, por menor ou maior que seja, possui significado e função definida no grande plano divino. Enquanto Deus imanente, por outro lado, significa que a ação divina não vai além da produção contínua de tudo o que existe, e serve ontologicamente como garantia de continuidade dessa existência. O objetivo do presente artigo é, adotando essa diferença entre imanência e transcendência como pano de fundo, analisar as posturas cooperativistas ou isolacionistas adotadas por diferentes Estados ao redor do globo. Afinal, de uma perspectiva ontológica, a sociedade secular se fundamenta na percepção de que a realidade possui existência e o seu funcionamento não muda de acordo com os humores e desígnios de um Deus emanativo, mas que concede o existir enquanto dádiva. Assim, o processo de secularização da sociedade passa a ser entendido como o desencantamento do mundo por deixar de trabalhar como um garantidor da existência do real emanativo. E acaba-se por substituir por um Deus imanente enquanto causa: desencantamento do mundo ou reencantamento, por transferir atributos antes possuídos por Deus para o homem e seu ambiente, determinando, assim, a possibilidade de aprendizado contínuo e crescente pelo ser humano sobre o mundo onde se dá sua existência e, estabelecendo uma percepção do real concreto, onde o pragmatismo e a racionalidade sugerem que a efetividade no combate à pandemia causada pelo Covid-19 pode ser definida pelo conhecimento adquirido através da experiência histórica com pandemias anteriores, associando à percepção humana de que a impossibilidade de isolamento efetivo que

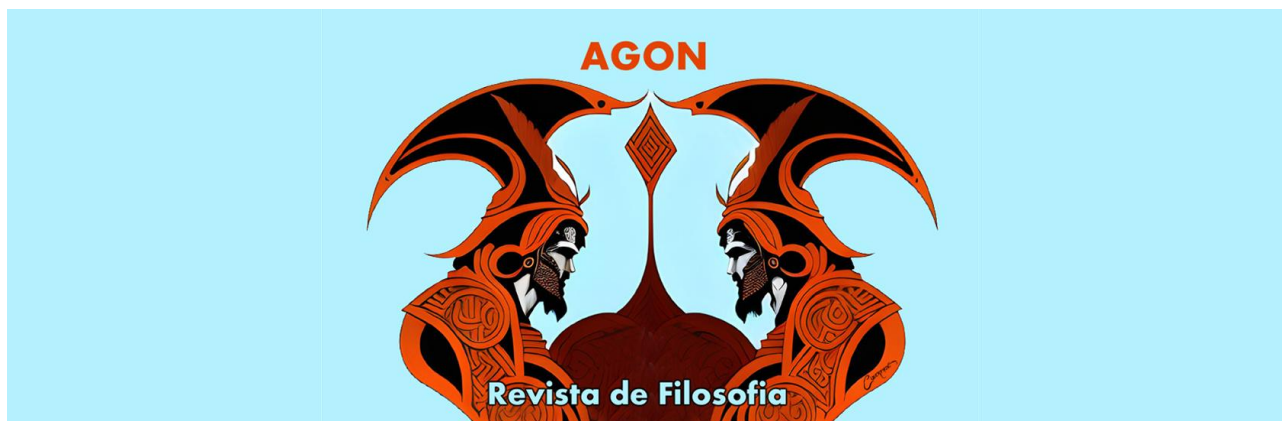


caracteriza a sociedade hodierna, aponta na direção da necessidade de incremento no nível de cooperação internacional.

Por outro lado, a ontologia definida através de um Deus transcendente, que estabeleça estabilidade na inconstância da existência, tenha por referência o mito edênico, paraíso não perdido, que é caracterizado pelo *cosmos*, um universo onde cada coisa tem seu lugar e sentido estabelecidos (ainda que implicitamente) por Deus e significa a existência de raízes profundas que ligam o homem à sua terra e estabelecem que um terror atávico do desconhecido que deve ser entendido como força política relevante na elaboração de políticas internacionais no que toca o combate à pandemia causada pelo covid-19. Neste sentido, a busca por segurança no esforço estritamente nacional no combate à pandemia, definido pelo fechamento de fronteiras, diminuição de intercâmbio de bens e serviços com o resto do mundo, defesa de políticas antiglobalizantes no contexto do pós-pandemia e o boicote aos esforços coletivos e internacionais de cooperação visando benefício coletivo, parece ser algo fundamentado, ainda que implicitamente, no debate que discute a diferença entre a percepção de sociedade ser coletivista ou individualista, cosmos ou universo infinito, imanência ou transcendência. Ironicamente, parece ser possível que a resposta a estas questões se dê, em longo prazo, através do cálculo pragmático do custo do isolacionismo para o ethos nacional, aqui entendido enquanto falso porto seguro fornecedor de estabilidade e proteção.

MODERNIDADE, SECULARIZAÇÃO E GLOBALISMO

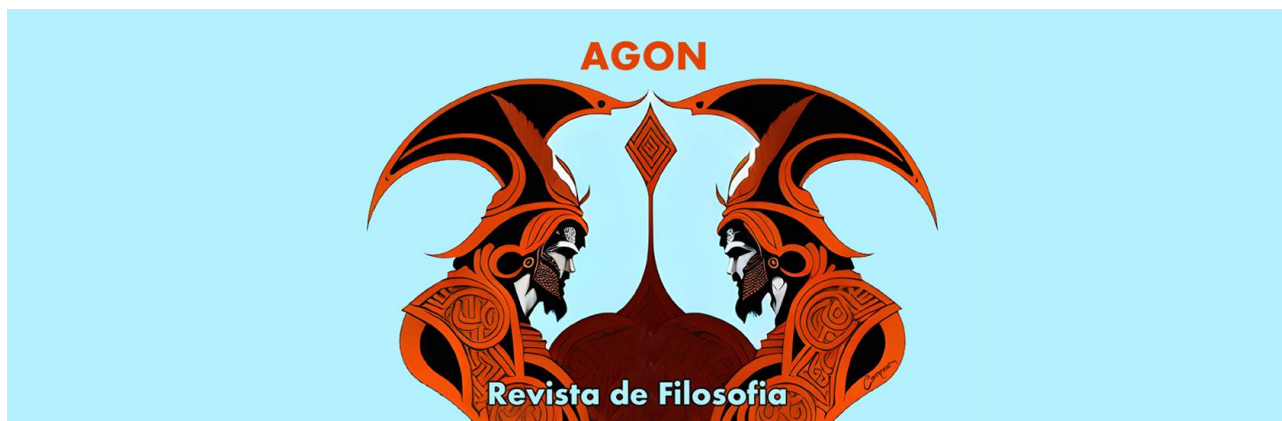
Existem diversas formas e modos distintos de encarar o moderno. Existe quem entenda que o moderno deve ser entendido como não como um desencantamento do mundo onde Deus não existe e a religião não passa de uma construção social. Assim, “a ideia de que modernização produz secularização se assenta na noção de que



modernização produz iluminação, iluminação revela a verdade e a verdade é que não existe Deus (ou pelo menos não um Deus que importe a conduta da vida humana” (Gillespie, 2008, pág. 273). No entanto, a ideia de que o processo de secularização que caracteriza o moderno e fundamenta-se na percepção da inverdade e do entendimento e de que o mundo e tudo o que nele existe são criações divinas, e logo, se trata de algo não demonstrável empiricamente e que, portanto, se fundamenta na crença da existência ou inexistência de Deus. Assim, esta rejeição e distanciamento da religião e da Teologia, serve como uma espécie de disfarce que oculta o significado e continuação da presença relevante e continuada dos temas e percepções religiosas no período moderno, que deixam de ter a forma de debates teológicos e se tornam algo dado, no sentido de não ser questionável.

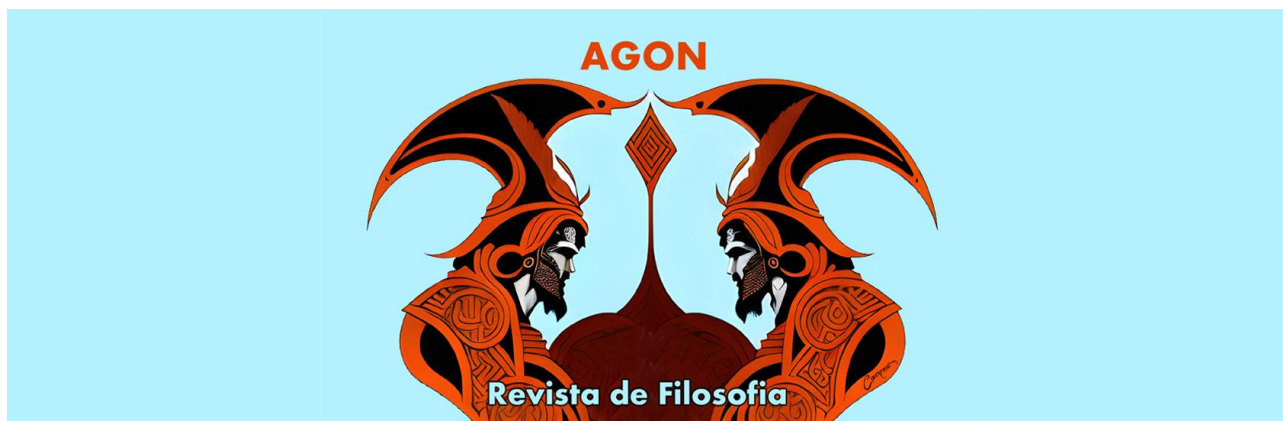
Portanto, “a esmagadora vitória da razão sobre a infâmia, para usar o famoso termo de Voltaire, a não sustentabilidade (no inglês original, “*long-drawn out process*”) da morte de Deus que foi proclamada por Nietzsche e não o cada vez mais distante *Deus Absconditus* apontado por Heidegger, mas a gradual transferência de atributos divinos para os seres humanos (uma Vontade humana infinita), o mundo natural (causalidade mecânica universal), forças sociais (vontade geral, mão invisível) e história” GILLESPIE (2008, p. 272).

O significado disso, dado que a Teologia que precede o período moderno não se ocupava apenas de temas “exo-téricos” como, mas também da forma como as coisas efetivamente acontecem no âmbito “teórico” da existência, o que ocorre no moderno não pode ser entendido como mero “*desencantamento*” do mundo, mas como “*reencantamento*” deste – um longo processo de geração e desenvolvimento da sociedade secular, para Gillespie, se caracteriza pelo fato de que, “*a ciência pode prover uma narrativa ou relato (no original account) coerente do todo somente ao fazer do homem, da natureza ou do todo em algum sentido divinos.*” (Gillespie, 2008, p. 274). Para este autor, de uma maneira ou de outra, o processo de secularização é entendido como



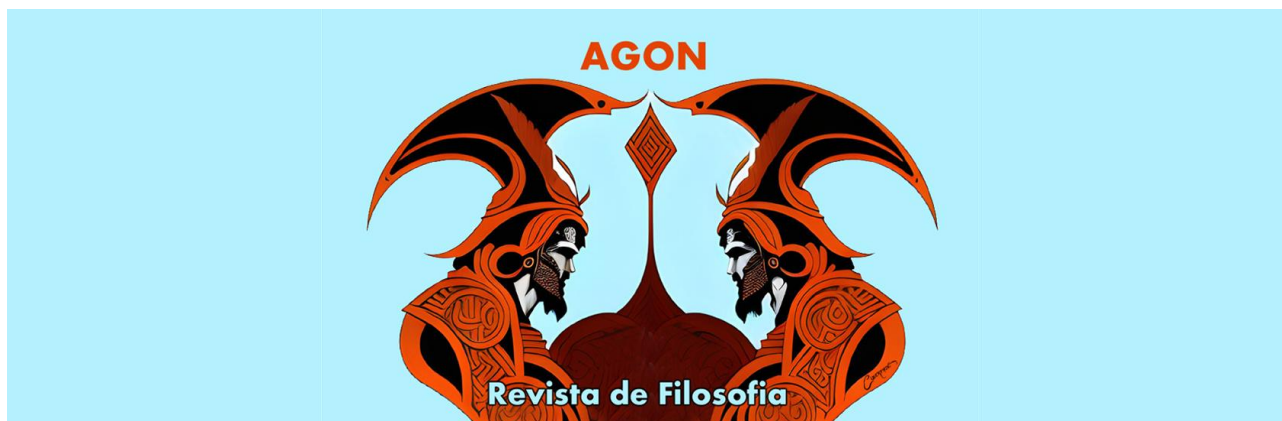
desencantamento do mundo onde atributos antes pertencentes a Deus são transferidos para o homem e seu ambiente. O que significa que o secularismo deve ser entendido como um fenômeno característico da civilização cristã-ocidental que surge como consequência das guerras religiosas, sendo, portanto, um fenômeno que se refere apenas a esta civilização por decorrer de seu singular desenvolvimento histórico (Gillespie, 2008). Em uma segunda visão, é possível observar que o processo de secularização obedece a uma mudança de perspectiva que diferencia o mundo encantado do medievo, que precede a modernidade, do mundo desencantado da modernidade e o pós-moderno – definindo uma mudança na percepção da natureza do homem e da sociedade. Segundo Taylor, o mundo medieval era encantado e isso fazia com que cada coisa tivesse seu lugar ontologicamente definido. Assim, na sociedade encantada pré-moderna europeia, as pessoas eram parte de uma coletividade e esse coletivismo definia um sentido para a existência de cada coisa no cosmos. Assim era definido o tempo de Deus e o tempo dos homens. Ou seja, as funções e papéis desempenhados na sociedade por uma pessoa tendiam a ser definidos no momento de seu nascimento e guardavam uma relação de pertencimento e composição com o todo. Neste sentido, definia-se uma realidade onde *“o clero reza por todos, os lordes defendem todos, camponeses trabalham por todos”* (Taylor, 2010, p. 64).

Todas as coisas eram entendidas como sendo ontologicamente complementares, tudo tinha o seu lugar e sua função ou sentido de existir, as coisas eram determinadas em função desse coletivo, o cosmos onde cada coisa, por menor que fosse, tinha uma função que conferia sentido a seu existir. Nessa sociedade, coisas como catástrofes naturais e momentos de grande fertilidade da terra eram percebidas como atos divinos deliberados e possuidores de sentido objetivo, de forma que a sociedade era fortemente caracterizada por devoção e ritos que representavam a expressão de crenças pessoais, bem como a harmonia do Cosmos como um todo. Para Taylor, no medievo o eu era poroso e vulnerável a influências externas a ele. Havendo ainda forças sobrenaturais, como espíritos do bem e



do mal, que influenciavam as ações humanas e seus resultados. Esta forma de se relacionar com o mundo faria com que uma pessoa pudesse ouvir vozes em sua cabeça e entendê-las como manifestações de forças sobrenaturais e não como desordem psíquica, ou o fato de uma criança nascer com um rosto extremamente parecido com o do vizinho como fruto de pensamentos impuros da mulher, mas nunca fruto de um adultério. O desencantamento do mundo, que define o secularismo de acordo com essa visão, deixa de perceber a realidade dessa maneira, no sentido de que a intervenção divina deixa de ser algo definidor da realidade onde o humano existe e isso significa que o *cosmos* que, em última instância, define o coletivo de toda a existência e substitui por um universo que se comporta mecanicamente.

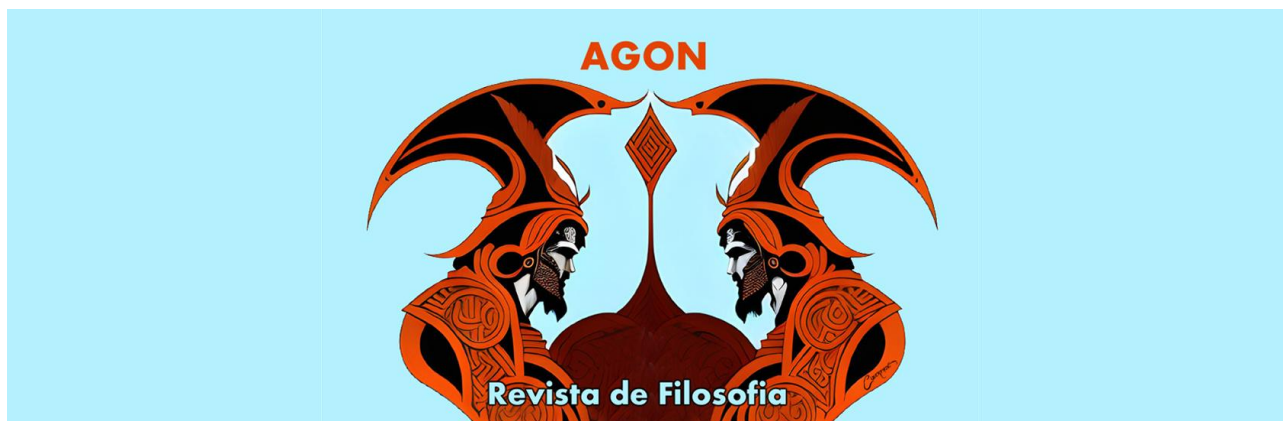
O tempo de Deus, onde cada coisa acontece no momento exato em que tem que acontecer, é substituído pelo tempo secular que se define pelas viradas de folha no calendário. Além disso, no mundo desencantado do secularismo, catástrofes naturais e fartura, são entendidos como fenômenos aleatoriamente estabelecidos e o eu humano passa a ser fechado em si mesmo, ao invés de ouvir espíritos e ter pensamentos impuros, fala-se em esquizofrenia e adultério. Passa-se a conceber uma realidade que tem como consequência a necessidade de uma busca pessoal por uma definição autêntica do lugar que uma pessoa deve ocupar no mundo e o individualismo egoísta moderno se define pela busca de cada indivíduo pelo próprio bem fazendo com que não seja o bom coração do dono do supermercado, do professor da academia ou do psicanalista que lhe presta serviços que prove seu bem estar, mas sua pessoal que busca pessoal por qualidade de vida. Ou seja, as estruturas sociais e religiosas que definiam uma realidade estável pelo entendimento do indivíduo, como parte de um todo no mundo encantado do medievo, passam a ser ocupadas por antiestruturas fluidas e instáveis que caracterizam o mundo desencantado definido através da secularização (Taylor, 2010).



Ou seja, para Taylor, não é só a igreja que perde a centralidade na vida do Estado e passa a pertencer à esfera da vida íntima de cada indivíduo. Em uma sociedade plural é o próprio niilismo que, derivado da autonomia que se origina na percepção de que o homem não é mais parte de algo maior, o condena a viver em um universo mecânico e a uma permanente busca hedonista pelo próprio bem estar. Este niilismo, aqui entendido como principal fator definidor da vida em um mundo desencantado, define que as grandes questões acerca da existência de um indivíduo devem ser respondidas de acordo com a subjetividade que caracteriza a visão de mundo desta pessoa, mas que existem em um contexto plural que, dentro de certos limites socialmente estabelecidos, significa que a resposta encontrada por determinado indivíduo vale tanto quanto qualquer outra. Esta realidade provoca uma reação por parte de determinados grupos que não desejam se secularizar, buscando se encastelar em um conhecimento provinciano e feudal. Cabe indagar: porque ainda permanecemos na província? A resposta a esta indagação, especialmente no caso brasileiro, pode ser respondida com Heidegger:

O estudo de cada pensamento só pode ser *duro e rigoroso*. O esforço da expressão linguística é como a *resistência* dos enormes pinheiros contra a tempestade. E o trabalho filosófico não acontece como uma ocupação isolada de um excêntrico. Ele é o centro do *trabalho dos camponeses*. Quando o jovem camponês, carregado com uma pilha de toras de faia, arrasta montanha acima o pesado trenó em forma de chifre para, em seguida, trazê-lo de volta por uma perigosa decida, quando o vaqueiro toca o seu rebanho para cima da ladeira com passo lento e perdido em pensamento, quando o camponês prepara incontáveis telhas de madeira para o telhado de sua sala, então, o meu trabalho é do mesmo modo. Nisto está *enraizada a imediata correspondência com os camponeses* (Heidegger, 2014, p. 275-280).

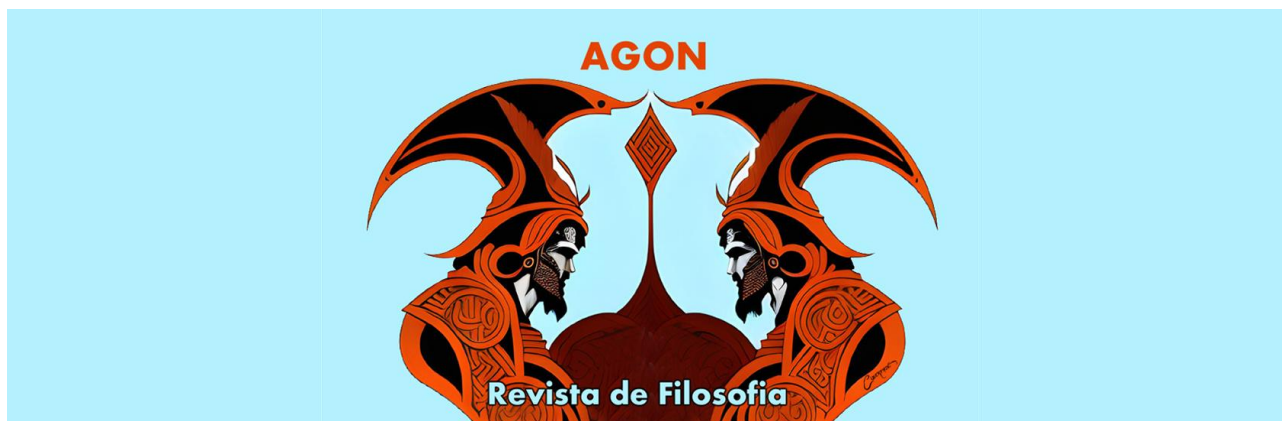
Esses grifos são essenciais para a compreensão do questionamento. Heidegger sempre defendeu que o fazer filosófico é um trabalho de resistência, *rigorosamente rude, de alguém que realiza um trabalho no campo, como o agricultor que ara a sua terra*. É



nesse mesmo sentido que o pensamento do filósofo busca abrigo na pátria, como as grossas raízes de uma figueira que se apresentam sempre enraizadas em seu *mundo*. É importante dizer que recentemente o Prêmio Nobel de Literatura foi para Peter Handke, um notório extremista heideggeriano, que apoiou o genocida Slobodan Milosevic⁴. O literato escreve em sua obra, *Fantasia da repetição*: “*Se sentir a dor da soleira, você não é um turista; pode haver passagem*” (Handke, 1983, p. 13). De que modo todas essas informações nos ajudam a compreender a questão que se coloca no título deste artigo? Resposta: Heidegger e Handke nunca conseguiriam aceitar um *mundo* diverso, hipercultural e globalizado. Heidegger e, contemporaneamente, Handke, representam o espírito provinciano e conservador que se degenerou no espírito fascista e genocida.

Isto sempre acontece devido ao medo constante de verem seu *mundo* extinto. Heidegger e Handke pensam a partir do *homo doloris*, *romanticamente rude, ligado à terra, à sua pátria*, estando sempre em oposição ao *homo liber*. São inimigos do liberalismo, da globalidade, enfim, da vida festiva, que, segundo os autores, por isso que a contemporaneidade é decadente e a cultura fica ameaçada de extinção devido à excessiva positividade. O castigo que este homem global vive contemporaneamente é ser submetido à crise pandêmica que vivemos atualmente. É nesse mesmo sentido que podemos compreender a reação de determinados grupos sociais e a ascensão de líderes da extrema esquerda e da extrema direita na Europa (Itália, Inglaterra, Hungria, Turquia), Rússia (Putin), EUA (Trump) e América Latina (Bolsonaro e Maduro), que podem usar o medo como ferramenta para a consolidação do totalitarismo fascista. Todos estes Chefes de Estado defendem o argumento de que seu mundo e todas as pessoas a quem eles

⁴ Durante a guerra dos Balcãs, de 1999, Handke ficou do lado da Sérvia, condenou a Otan por seus ataques aéreos e fez um discurso em 2006 no funeral do ex-ditador iugoslavo Slobodan Milosevic. A Sociedade para os Povos Ameaçados (GfbV) criticou severamente a decisão do Nobel: “*É completamente incompreensível que o Comitê do Nobel esteja reconhecendo o apoio intelectual ao genocídio*”, acusou Jasna Causevicdie, especialista da GfbV em prevenção de genocídio” (Peschel, 2019)



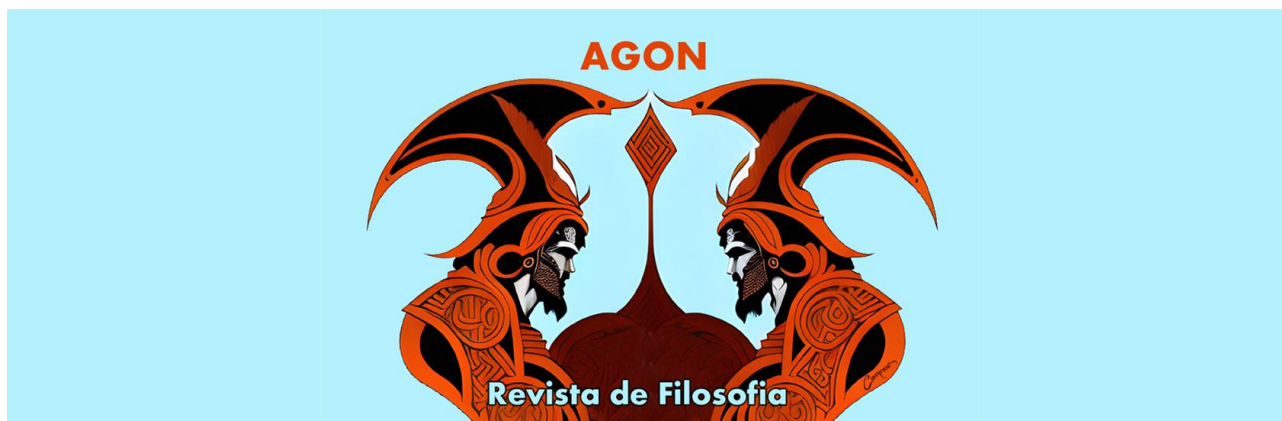
representam estão ameaçadas. Por esta razão, é preciso reagir contra esse temível inimigo, o globalismo, que se alastra como uma peste na contemporaneidade. Argumentos não faltam para sustentar o isolacionismo anti-globalista, que pode ser tanto de esquerda quanto de direita, mas que inspirado pelo pensamento de figuras como Antonio Negri⁵ ou um Alexandre Dougin⁶, se define sempre por uma visão altamente crítica da globalização e de seus subprodutos e, portanto, nos remetendo à seguinte pergunta: *o que é um mundo?* Segundo Heidegger um *mundo* se dá quando “*o próprio ser-aí está em seu trabalho*”⁷. Ou seja, é o mundo do natural, terreno, repetitivo, fechado e estável, ao qual deveríamos estar sempre conectados e que precisa ser conservado a qualquer custo. Assim, torna-se clara a necessidade de agir de forma reacionária ante qualquer ameaça ou força que possa, ainda que potencialmente, desvincular o homem de seu *húmus* ou de sua cultura.

Eis uma forma possível de se compreender as causas do ressurgimento de muitas das formas de extremismo político existentes atualmente: o que motiva a ação política

⁵ Negri ganhou notoriedade internacional nos primeiros anos do século XXI, após o lançamento do livro *Império* - que se tornou um manifesto do movimento anti-globalização - e de sua sequência, *Multidão*, ambos escritos em co-autoria com seu ex-aluno Michael Hardt. Em sete de abril de 1979 foi preso sob várias acusações, dentre as quais a de ser ideólogo das Brigadas Vermelhas (Brigade Rosse) e mandante moral do homicídio de Aldo Moro, líder da Democracia Cristã italiana, ocorrido em 1978, inclusive as de envolvimento em 17 homicídios e associação com as Brigadas Vermelhas, grupo responsabilizado pelo sequestro e morte de Aldo Moro. Foi condenado a trinta anos de prisão em um controverso processo de “associação subversiva”, “conspiração contra o Estado” e “insurreição armada”, pena que foi reduzida para 17 anos. Fonte: *Wikipedia*.

⁶ Ativista e ideólogo, Alexander Dugin é um dos mais destacados pensadores geopolíticos russos da atualidade, teórico do Eurasianismo, professor da Universidade Estatal de Moscou, fundador do Movimento Eurásia; é autor de uma dezena de livros, dos quais se destacam: *A Grande Guerra dos Continentes*, *A Quarta Teoria Política*, *Fundamentos da Geopolítica*, *A Geopolítica do Mundo Multipolar*. Sociólogo, filósofo e cientista político, além de geopolítico, presidente do Centro de Estudos Conservadores da Universidade Estatal de Moscou, pertence ao departamento de Sociologia das Relações Internacionais daquela universidade. Dugin foi criado no seio de uma família militar. Seu pai era alto oficial dos serviços secretos militares soviéticos, sua mãe, médica. Em 1979 ingressou no Instituto de Aviação de Moscou, mas não chegou a se formar. Seu pai o auxiliou na obtenção de um emprego nos arquivos da KGB, nos quais eventualmente se deparou com obras cuja leitura estava proibida ao restante da população soviética. Essas obras focavam o fascismo, o eurasianismo, o misticismo e diversas religiões do mundo. Fonte: *Wikipedia*.

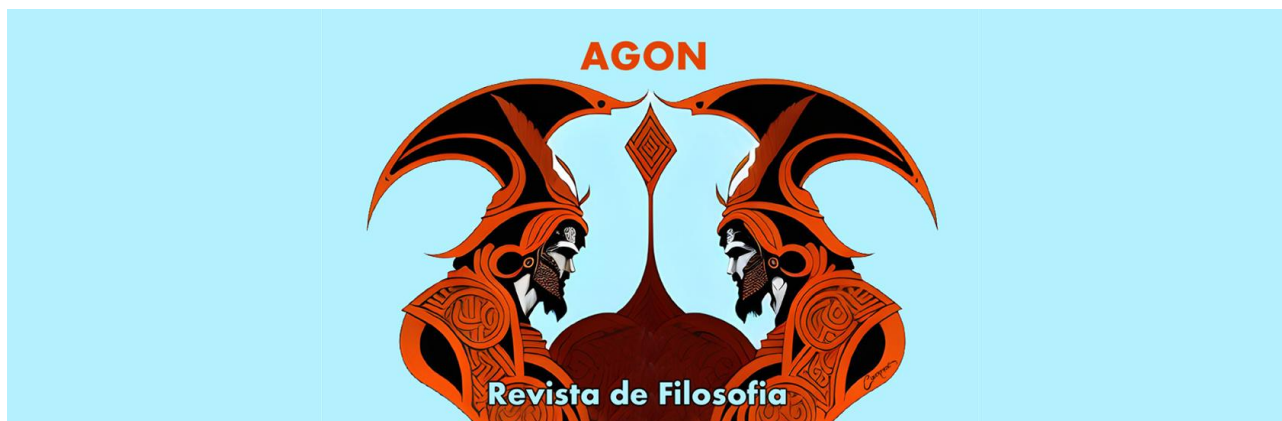
⁷ HEIDEGGER, M. *Aus der Erfahrung des Denkens*. Op. Cit, p.10



isolacionista é o medo de não ter mais a possibilidade de retorno ao Jardim do Éden, o espaço encantado da expressão plena do ser. A globalização, nesse sentido, pode ser entendida como uma ameaça a esse ser edênico, como sendo um devorador de mundos, criador de pontes que, na forma de laços de comércio ou de intercâmbio cultural faz de seu ser uma ameaça ao mundo do filósofo agricultor – que poderia ver uma pandemia surgida em território estrangeiro como ataque a seu ser e as raízes deste, que estão profundamente incrustadas no solo pétreo. Em essência, essa visão parece refletir uma busca por afirmação coletivista de identidade.

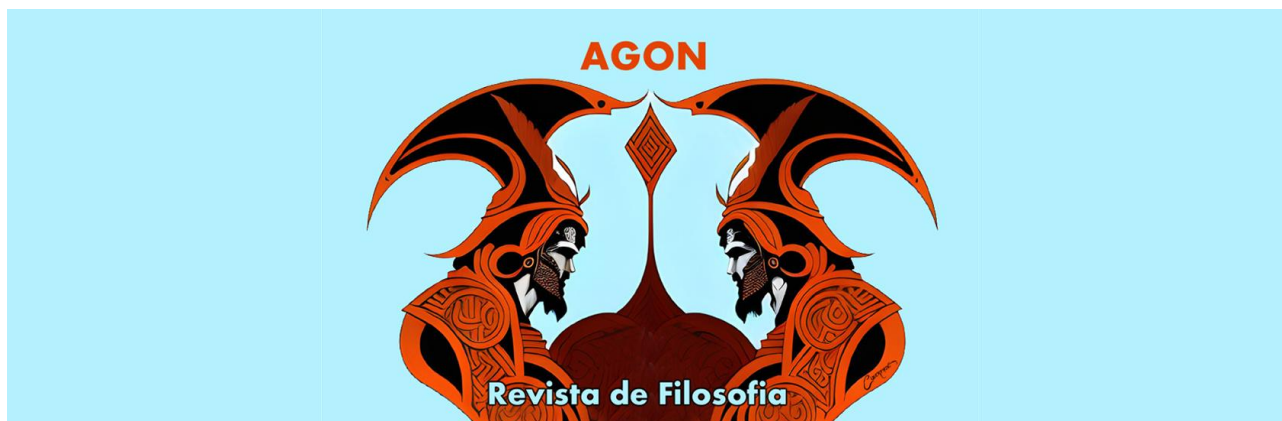
O pensamento de Yuval Harari, entende que cooperação científica e estratégias políticas internacionais tendem a ser mais eficientes do que políticas isolacionistas. Isto se dá, porque a única época da história humana onde as sociedades viviam efetivamente isoladas umas das outras foi a Idade da Pedra e que, mesmo na Idade Média, pandemias como a Peste Negra se disseminaram com muita rapidez. Segundo ele, isso quer dizer que cooperação científica pode significar que um artigo científico publicado na China na manhã de um dia, pode ser usado como fonte relevante em uma pesquisa em outro continente, no mesmo dia de tardetarde (sem autor, 2020). Além disso, ele defende também que uma das questões em pauta nessa crise é a troca de liberdade por saúde, caracterizada pelo estabelecimento de estruturas tecnológicas de controle estatal, sobre os cidadãos de determinado país, e que apesar de poderem ser implementados como algo temporário, podem se tornar permanentes com muita facilidade.

Como exemplos disso, ele cita os sistemas de monitoramento da população civil chinês e israelense, mas aponta a possibilidade de soluções não autoritárias como as adotadas na Coreia do Sul e em Taiwan que possuem eficiência comparável a este tipo de estrutura totalitária de vigilância civil, sem a necessidade de adoção de um modelo de vigilância como o chinês ou o israelense. Além disso, ele aponta que políticas pautadas pela transparência e pela cooperação internacional que tendem a apresentar melhores



resultados a longo prazo. Outra visão, é apresentada pelo psicanalista Massimo Recalcati, sustenta que existe no homem um terror atávico de ser tocado pelo desconhecido ou pelo não familiar. Assim, existe uma fenomenologia do medo que faz com que ante uma ameaça desconhecida como, por exemplo, uma epidemia, exista uma tendência à busca de proteção naquilo que é percebido como conhecido ou familiar, de forma que a recomendação instintiva é buscar isolamento em casa, isolar a cidade ou fechar as fronteiras nacionais. Neste sentido, é a figura do “outro” que toma a forma de ameaça. Para Recalcati, o projeto nazista de extermínio sistemático de todos aqueles que fossem entendidos como inimigos coloca implicitamente Hitler no papel de “*médico responsável*” por extirpar da Alemanha os vírus dos judeus, liberais, comunistas e homossexuais. A grande questão é que, apesar do exemplo extremo, essa atitude não reflete uma forma de “*barbárie incivilizada*”, mas uma inclinação xenofóbica e reacionária, derivada do instinto de autopreservação que existe em cada ser humano. O que significa que a criação de muros deve ser entendida como algo inerente ao ser humano no enfrentamento de uma pandemia (Recalcati, 2020).

Apontando na mesma direção, Naomi Klein defende que a presente crise sanitária está causando enormes danos à economia de todos os países por ela afetados, mas que existe algo como uma “*crise capitalista*” onde lucro é auferido a partir de catástrofes e guerras, entendidos como momentos apropriados para o avanço de agendas políticas impopulares. Segundo ela, a pandemia não vem sendo tratada nos EUA como uma crise de saúde pública, mas como uma crise de percepção e como tema eleitoral. Assim, o que parece ser razoável esperar é que a presente pandemia seja explorada no sentido de que sejam estabelecidos estímulos aos mais diversos setores da indústria, ao mesmo tempo em que se investe uma quantidade relativamente pequena de recursos na questão de saúde pública e proteção dos trabalhadores. Segundo Klein, a reação do governo dos EUA aos

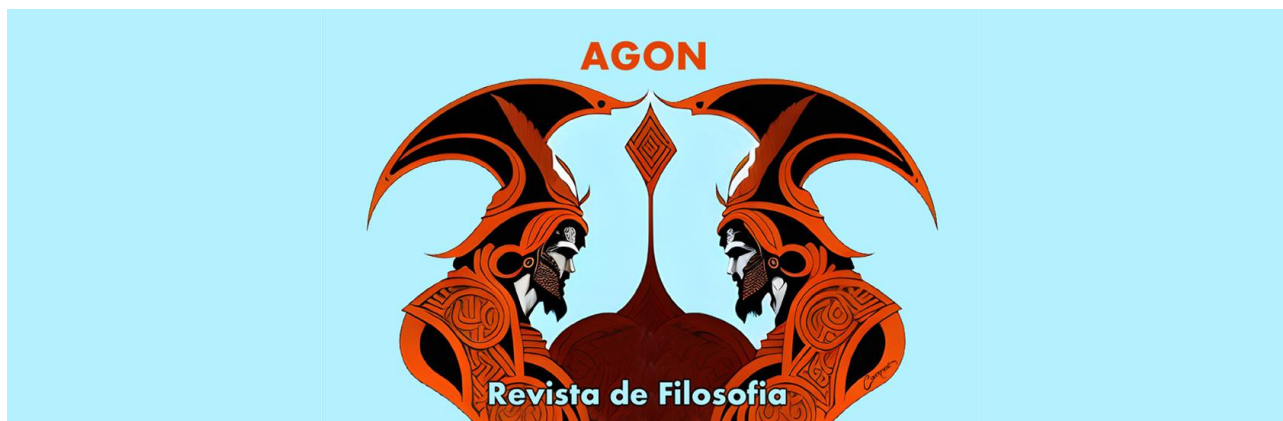


danos causados pelo furacão Katrina foi à adoção de políticas de austeridade fiscal caracterizadas por cortes em programas de amparo social (Garrido, 2020) .

Ou seja, tanto Recalcati quanto Klein parecem entender que é da natureza do ser humano enfrentar crises com base em uma recomendação instintiva de autopreservação que sugere um curso de ação isolacionista e individualista e que pode tomar a forma de criação de muros de proteção, algo que pode se dar tanto no âmbito econômico, quanto na forma de reações caracterizadas por um individualismo extremo ou xenofobia. Assim, enquanto problema teórico, surge à questão acerca do que é razoável esperar: se um incremento na cooperação e solidariedade internacionais fundamentada na razão pragmática exemplificada pelo pensamento de Harari, ou um forte movimento isolacionista que, na contramão disso, se manifeste, no contexto da realidade concreta, através do estabelecimento de políticas isolacionistas em todo o mundo. Será que o brasileiro médio resolverá trilhar o caminho da hipocrisia customizada dos novos cristãos? Sempre fomos um país festivo e sensual! Mas agora deixaremos ser dominado pelo caminho da dor e do isolamento social que sempre esteve presente entre os ascetas e eremitas, penitentes e flagelantes, entre os trágicos gregos, como Sileno, as lamentações de Jó, ou ainda o discurso niilista de Eclesiastes, até a negação do mundo da vida (*Lebenswelt*), por uma filosofia customizada de Arthur Schopenhauer? Será que o homem médio da província brasileira ressuscitará a alma de Lutero, agora customizada pelas igrejas neopentecostais, em seu canto negro, sombrio e negador do *Lebenswelt* nos conduzido à morte física e social?

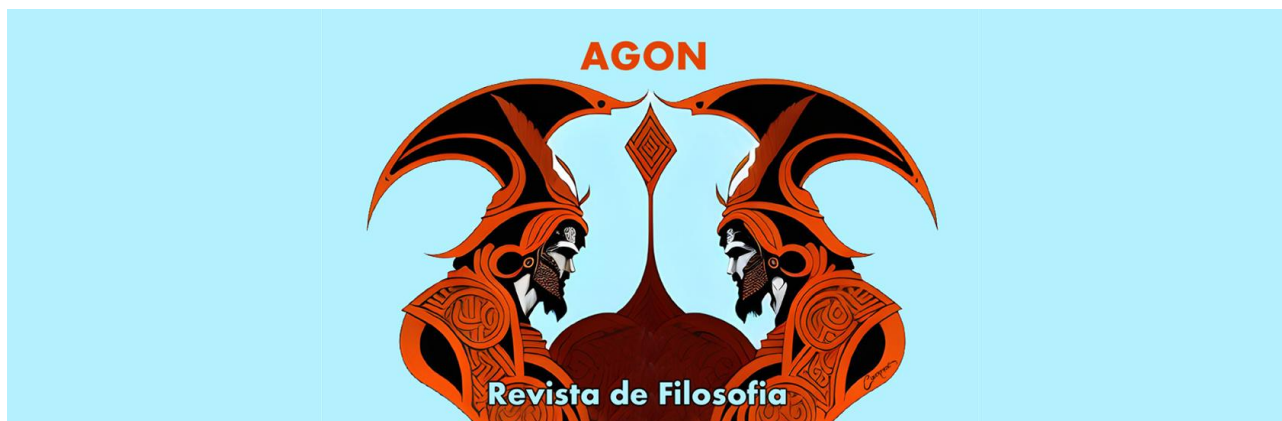
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a fundamentação ontológica das posturas cooperativistas e isolacionistas que estão, correntemente, sendo adotadas ao redor do



globo, no contexto do combate à pandemia causada pelo Covid-19. Neste sentido foi desenvolvida uma análise do processo de secularização da sociedade, que caracteriza o moderno e sua exacerbação pós-moderna, onde foi colocada a ideia de desencantamento ou reencantamento do mundo enquanto fundamentação ontológica da racionalidade cooperativista, em oposição à ontologia que, definida pelo encantamento do mundo enquanto elemento definidor do ser, fundamenta uma racionalidade isolacionista.

Neste sentido, apesar de ser prematuro falar das consequências da presente crise sanitária global, parece razoável supor que eventuais vácuos de poder, que sejam deixados no cenário político internacional em função de posturas políticas isolacionistas, tendem a ser ocupados por agentes políticos defensores da adoção de políticas mais cooperativistas. O que significa, no horizonte de médio prazo, possibilidade de prejuízo político mensurável e provável perda de *soft power* para os players internacionais que adotarem políticas isolacionistas. Assim, conclui-se que a aparente existência de choque entre ontologias da imanência e da transcendência, que se manifesta de diversas maneiras diferentes entre si nas arenas política nacional e internacional, que se fazem presentes e, aparentemente, relevantes no contexto da presente pandemia. O que sugere que o tema pode possuir relevância concreta e se mostra objeto de estudo relevante no contexto da contemporaneidade.



REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles (2017). Espinosa e o Problema da Expressão, Editora 34, São Paulo.

GARRIDO, Mónica (2020). **NAOMI KLEIN, CAPITALISMO E PANDEMIA: “O choque é o próprio vírus”**, Jornal La Tercera, Santiago. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597194-naomi-klein-capitalismo-e-coronavirus-o-choque-e-o-proprio-virus>,

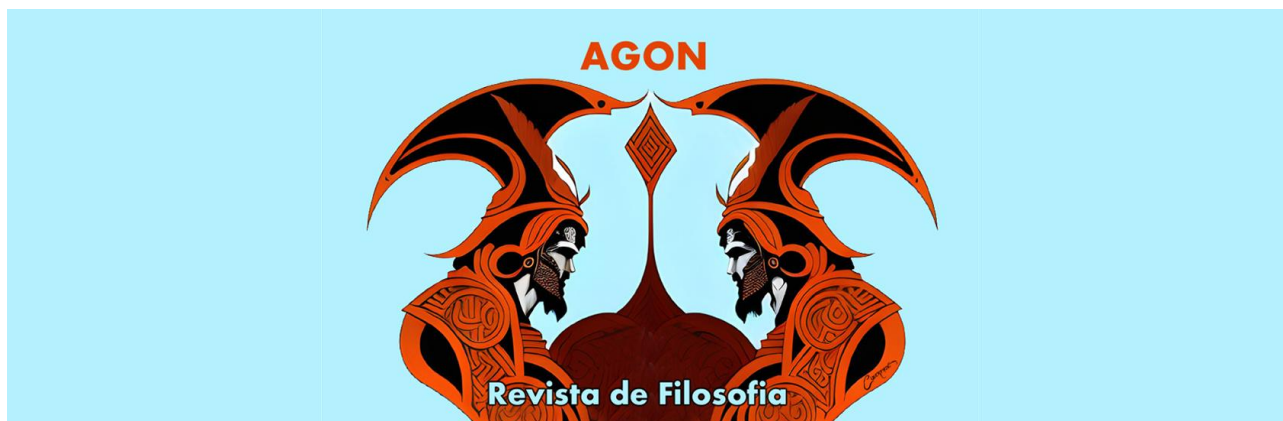
GILLESPIE, Michael Allen (2008). The theological origins of modernity. The University of Chicago Press, Londres.

HANDKE, P (1983). Fantasias da repetição. Frankfurt.

HEIDEGGER, Martin. **PAISAGEM CRIATIVA: Por que permanecemos na província?** em Revista Ideias, Nova Série, n. 9, Campinas.

PESCHEL, Sabine (2014). Prêmio Nobel para Peter Handke gera controvérsia em dw.com, Bonn, 2019. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/pr%C3%AAmio-nobel-para-peter-handke-gera-controv%C3%A9rsia/a-50803858>.

RECALCATI, Massimo (2020) **RACISMO PSICOLÓGICO: quando a mente se fecha devido a um vírus**, Jornal La Repubblica, Roma. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596122-racismo-psicologico-quando-a-mente-se-fecha-devido-a-um-virus-artigo-de-massimo-recalcati>.



BBC. (2020) 'Isso não é a Peste Negra, não é como se não soubéssemos o que está matando as pessoas', diz Harari, BBC News Brasil, São Paulo. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52268811>

TAYLOR, Charles (2010). Uma era secular, EDITORA Unisinos, São Leopoldo.